

ESPAÇOS DA RECORDAÇÃO EM ‘THE REMAINS OF THE DAY’ DE KAZUO ISHIGURO

TIAGO FERREIRA PEREIRA¹; ROSANI ÚRSULA KETZER UMBACH²

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Estudos Literários, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), tiagoberesford@hotmail.com

² Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), rosaniumbach@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Kazuo Ishiguro é autor de língua inglesa, nascido em Nagasaki (Japão). Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura (2017) e do Man Booker Prize (1989), é visto pela crítica expoente do que seria um cânone literário da Literatura Britânica Contemporânea. Em relação a sua escrita, a memória pode ser entendida como um eixo que unifica toda a dimensão de sua obra. Tendo isso em vista, lançar um olhar crítico sobre essa questão é pertinente para a leitura de seus textos; tendo em mente que é papel da crítica literária acentuar o processo de interpretação dos textos literários. Além disso, a relevância de entender a configuração da memória em torno de processos de representação no texto literário parece residir sobre o fato de que as experiências individuais e coletivas seriam construídas e transmitidas por meio de quadros de rememoração produzidos socialmente. A literatura então ofereceria modelos de representação desses quadros de memória. Assim, partindo da relação entre texto literário e memória como “mimesis”, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da relação entre a representação da memória em sua relação com a construção do espaço diegético no romance ‘*The Remains of the Day*’ de Kazuo Ishiguro. O espaço é compreendido aqui como categoria de conhecimento da estrutura da narrativa. Sua percepção e função na narrativa é heterogênea, visto que o espaço pode desempenhar inúmeras funções: caracterizar personagens, construir alegorias, dentre outras. As funções variam e podem ser muitas dependendo do texto e do espaço representado. Esta análise é fundamentada por teóricos cujo expoente de análise é a obra literária, a memória e a categoria espaço. Alguns deles são: Brandão (2019), Candau (2018), Dimas (1994), dentre outros nomes. Em um primeiro momento, o percurso metodológico é descrito e, em seguida, a discussão e os resultados dessa pesquisa.

2. METODOLOGIA

Do grego (*κρίνειν* = julgar), a etimologia da palavra “crítica” revela que essa atividade pressupõe o julgamento de valor. Dessa forma, criticar exige



separar, analisar e julgar. À crítica literária, atribui-se a característica de um discurso literário que visa enfatizar a experiência da leitura. Esse tipo de discurso separa, descreve e interpreta as partes em busca de avaliar os sentidos e os efeitos que tais obras literárias exercem sobre o leitor. Segundo Compagnon (2004, p. 9): “*Criticism appreciates, it judges; it proceeds by sympathy (or antipathy), by identification and projection.*”. A crítica busca fundamentação na Teoria que serve de horizonte para pôr em prática a pesquisa em cima dos discursos literários. Tendo isso em vista, este trabalho recorre à metodologia dos Estudos Literários, da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais da Memória.

3. DISCUSSÃO

A memória é um fenômeno psíquico e social. Em constante invenção, é compreendida aqui principalmente como um processo de representação. De caráter dinâmico, no sentido que coloca em evidência aspectos culturais de indivíduos e grupos sociais. Nas palavras de Candau (2018, p. 9): “[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo.”. Segundo o autor, conforme citado por a memória pode ser compreendida mais como um enquadramento do que um conteúdo, “[...] um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele.” (CANDAU, p. 9, apud. NORA, 1984). Pensada em sua categoria social, por Halbwachs (2017), precursor na pesquisa sobre a memória coletiva, a memória passa a ser analisada principalmente em relação às dinâmicas de certos grupos, comunidades ou até mesmo nações que se utilizam para negociar o que deve permanecer ou não sendo rememorado. Memória não é história, mas toda a história, como categoria de conhecimento humano, é um ramo que parte da memória. Em oposição à memória, é preciso também mencionar o esquecimento. Essa categoria se refere aos discursos que integram o arquivo, ou seja, aquilo que é deixado de lado e não mais retomado, por hora ou para todo o sempre. Assim como indivíduos ou grupos sociais administraram as práticas em torno do que deve ser lembrado, também é necessário recorrer ao esquecimento como ferramenta de apagamento. Isto é, sem a dimensão do esquecimento, haveria uma saturação sobre a memória.

A partir da memória, é possível pensar em subcategorias ou “semas”. Por exemplo, existe: 1) uma “memória nacional” que recupera o projeto de identidade de um país; 2) uma “memória familiar” que retoma elementos da narrativa de uma família; 3) ou uma “memória literária”.

Em ‘*The Remains of the Day*’, o enredo centra-se na viagem empreendida por um mordomo inglês rumo ao Oeste do país e no testemunho fornecido por ele sobre suas experiências de vida dentro da profissão. A voz narrativa é Stevens, empregado há mais de três décadas na mansão Darlington Hall. Espaços como a mansão Darlington Hall ou a paisagem inglesa no geral têm impacto sobre a gênese de sentido de ‘*The Remains of The Day*’. Através da voz narrativa de Stevens, é possível ter acesso a um quadro de memórias que recria o estilo de vida da aristocracia e da classe trabalhadora inglesa. Isso se dá por detrás dos muros ficcionais de Darlington Hall - principalmente no período entre

Guerras da Inglaterra – e retoma modos de conduta, valores, ideias que eram esperados da mentalidade inglesa na primeira metade do século XX.

À extensão das fronteiras da mansão Darlington Hall, se limita também parte da narração de Stevens, mais precisamente, em relação às memórias do protagonista. Assim, o narrador-personagem não articula um quadro de lembranças senão um que tenha como fundo principal esse espaço. Grande parte das memórias do mordomo reconstroem acontecimentos e eventos que ocorreram nessa grande casa. Dessa forma, as paredes de Darlington Hall representariam o próprio limite da consciência do protagonista em relação ao mundo. Pouco do conhecimento que Stevens carrega sobre o espaço afora limita-se, sobretudo, ao conteúdo dos livros que o personagem consome. Dentre eles, está um livro intitulado '*The Wonder of England*':

*During this time, I also spent many minutes examining the road atlas, and perusing also the relevant volumes of Mrs Jane Symons's *The Wonder of England* [...]. They were written during the thirties, but much of it would still up to date – after all, I do not imagine German bombs have altered our countryside so significantly* (ISHIGURO, 1989, p. 11).

Quanto à imensidão dos campos ingleses, esse espaço ajuda a caracterizar o protagonista do romance. Stevens contempla a paisagem bucólica e é por meio desse '*motif*' que o personagem acentua seu caráter de observador, atento aos pequenos detalhes, e de contido:

I would say that it is the very way lack of obvious drama or spectacle that sets the beauty of our land apart. What is pertinent is the calmness of that beauty, its sense of restraint (ISHIGURO, 1989, p. 28-29).

A beleza por detrás da paisagem que Stevens analisa é, na verdade, um espelho do que o próprio personagem admira em si mesmo. Ele olha para os campos e enxerga aspectos que se conectam a sua identidade. Para Stevens, a grandeza de um mordomo é medida conforme a capacidade que tal figura tem de transmitir calma, controle e contenção diante de qualquer situação.

Já o cais, como parte do espaço, ao final do romance, ajuda a caracterizar um sentido de "contemplação" – de um olhar para o horizonte desconhecido, representado pela imensidão do mar.

The pier lights have been switched on and behind me a crowd of people have just given a loud cheer to greet this event [...]. His claim was that for a great many people, the evening was the best part of the day, the part they most looked forward to. And as I say, there would appear to be some truth in this assertion [...] (ISHIGURO, 1989, p. 240).

Stevens nesse momento está despido de seu uniforme de mordomo, de suas tarefas em Darlington Hall. Então, está em meio as pessoas comuns que passeiam pela rua ao final do dia, que ele se vê diante dos resíduos, das sobras, de uma vida.

4. RESULTADOS

Tendo como horizonte de análise a relação entre espaço diegético e sua relação com a representação da memória no romance '*The Remains of the Day*', de Kazuo Ishiguro, conclui-se que não é por acaso que Stevens parece não ter consciência sobre os perigos por detrás de uma aliança de seu antigo patrão, Lorde Darlington, com um grupo de indivíduos aliados à ideologia nazista, pois a mansão parece corresponder a toda a extensão de mundo que esse personagem é capaz de conceber em mente. Esse espaço atua também simbolicamente. É como um "microcosmo" que encapsula e representa bem um universo maior, aquele da aristocracia inglesa, de um projeto de nação que pretende se reafirmar. Já em relação aos campos ingleses, esse espaço ressalta aspectos da personalidade de Stevens. São exemplos a contenção do mordomo ou sua natureza observadora. Enquanto que o cais, no capítulo final, por sua vez, é simbólico no sentido da "contemplação". Stevens chegou ao ponto final de sua jornada e é o momento em que ele se põe de frente para o mar e contempla o horizonte. Nessa cena, surge o pôr do sol tornam-se representativo do próprio título do romance, fazendo alusão aos vestígios, às sobras do dia. De certa forma, é afastando-se de Darlington Hall, desligando-se das tarefas rotineiras de mordomo, que a voz narrativa vive momentos de epifania, de análise e reflexão sobre o rememorado. Dessa forma, o espaço é um dos responsáveis por concretizar o amadurecimento pessoal do personagem em questão. Se Stevens não tivesse concretizado sua jornada pelo Oeste inglês, é provável que a voz narrativa - comparada a seu pai no momento da morte – fosse capaz de olhar para trás e admitir erros em seu percurso somente em seu leito de morte.

5. REFÊRENCIAS

- BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. 1. ed. SP: Perspectiva, 2019.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1. ed. SP: Contexto, 2018.
- COMPAGNON, A. **Literature, theory and common sense**. Tradução de Carol Cosman. Princeton: Princeton University Press. 2004.
- DIMAS, A. **Espaço e romance**. 1. ed. SP: Ática, 1994.
- FILHO, O. B. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. **Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC**. 2008.
- ISHIGURO, K. **The Remains of the Day**. 1. ed. NY: Vintage, 1989.